

OS PREDADORES ATACAM COM AJUDA DO GOVERNO

O alto índice de desemprego está sendo apontado como justificativa para que o governo do Distrito Federal tolere o chamado comércio informal, nome politicamente correto mas economicamente equivocado dado aos sonegadores ambulantes. Os fiscais e policiais do DF convivem diariamente com centenas de camelôs que vendem de tudo, se instalam na frente das lojas e agem com a fúria dos predadores. A boa vontade oficial só acaba quando os fiscais entram numa loja instalada legalmente para remexer nas contas.

O comerciante brasileiro é um dos que mais sofre com a ação fiscalizadora. Empresário responsável por um shopping center gosta de contar uma história exemplar: um dia depois que seu empreendimento foi inaugurado, ainda com algumas lojas fechadas, uma horada de fiscais baixou no local para conferir alvará por alvará, nota por nota, numa ação preventiva que deveria ser elogiada se o tratamento fosse o mesmo dispensado aos ambulantes que fazem a vida no outro lado da rua.

A economia informal, no caso, tem mais incentivo que o empresá-

rio que paga impostos, aluguel e dá emprego, numa inversão de valores cruel e que só fortalece a crise do comércio. Se as vendas vão mal, os empresários demitem e os funcionários engrossam a massa dos trabalhadores informais, num sistema de retroalimentação letal para a economia em médio prazo.

O caso mais flagrante hoje é o do mercado de CDs. Um dos poucos produtos a sobreviver em época de crise por causa de seu custo baixo, o CD deixou de ser um bom negócio há tempos. A situação foi agravada este ano com o aparecimento dos discos piratas, que são vendidos, em qualquer banca, por R\$ 5,00 — ou menos —, contra os quase R\$ 20,00 cobrados pelas lojas regulares. As duas maiores redes de lojas da cidade, a 2001 e a Condil (representada pela marca Music Store) estão demitindo funcioná-

“A ECONOMIA INFORMAL TEM MAIS INCENTIVO QUE O EMPRESÁRIO QUE PAGA IMPOSTOS, ALUGUEL E DÁ EMPREGO, O QUE SÓ FORTALECE A CRISE DO COMÉRCIO”

rios — pelo menos 80 pessoas perderam o emprego nos últimos meses — e fechando lojas.

O requinte dos piratas que atuam no mercado é tanto que, como na indústria fonográfica, eles também têm dias determinados para o lançamento dos principais discos. Em Brasília, os lojistas calculam que 100 mil discos piratas são vendidos todos os meses, o que dá um prejuízo ao governo, em impostos (ICMS) que deixam de ser recolhidos, de R\$ 153 mil mensais, mais encargos sociais.

Num encontro informal com o governador Cristovam Buarque lo-

jistas reclamaram o problema e ele teria alegado o alto desemprego como motivo da tolerância com o comércio irregular, mesmo que isto signifique prejuízo para o estado. “Desta forma fica difícil continuar neste mercado”, diz Sérgio Fernandes, diretor da Condil que já fechou uma loja em Brasília no último dia 1º e uma em Goiânia, mas ainda administra nove lojas.

A queda no mercado de discos é de 45% em relação ao ano passado e de 90% em relação a 1996, mas não é a única vítima da crise. Outro mercado que vem sendo vitimado pela pirataria é o de softwa-



res e games. Por preços que nunca passam de R\$ 15,00 é possível comprar os mais recentes lan-

çamentos da indústria, forçando o fechamento de lojas. “A 2001 Multimídia, no Conjunto nacional, foi fechada porque é impossível ficar num mercado assim”, diz Gabriella Gianna Mazza, que prevê o fechamento de mais quatro lojas a partir de janeiro.

O mercado de discos e softwares funciona como uma síntese do comércio da cidade. Ninguém tem motivo para comemorar o Natal e as compras se limitam à reposição mínima de estoque — menos os informais, estes estão lotando ônibus e de banca cheia. Com as bençãos do governo.